

VIAGEM AOS CONFINS DO MAR E DA NOITE

Ana Maria Lisboa de Mello

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

O tema da viagem é recorrente na produção literária de Cecília Meireles, já presente no título do livro que a consagrou no cenário das Letras, em 1938. Desdobra-se, de um lado, em uma dimensão geográfica, literal, nas referências às viagens marítimas portuguesas, aos percursos em cidades européias, indianas e outras, cujos motivos estão consignados em *Poemas escritos na Índia*, *Poemas de viagem*, *Poemas italianos* e nas *Crônicas de Viagem*; de outro, assume um sentido metafórico, de itinerário de um Eu em busca de si mesmo ou de uma instância incognoscível, inalcançável, utópica. Nesse segundo sentido, o tema é balizado por dois símbolos – o mar e a noite – que se prolongam em redes imagéticas, construídas com vocábulos do mesmo campo semântico.

Inspirada nas rotas percorridas em suas viagens à Europa, à Índia e ao Oriente Médio, a Autora desenvolve, nos livros citados, um verdadeiro itinerário ao seu mundo interno, liricamente projetado nas crônicas e poemas, revelando os movimentos da alma diante das paisagens citadinas. Desse modo, as duas acepções do termo viagem, antes enunciadas, encontram-se seguidamente imbricadas, separando-se quando o sentido da

viagem alcança um grau de abstração extrema, ao configurar realidades incognoscíveis e transcendentais.

Os espaços urbanos, com os indícios dos percursos do homem, desde os mais remotos tempos, dão as coordenadas e sinalizações que ensejam o mergulho na subjetividade. A contemplação de humildes cidades indianas, como Patna, e de locais históricos de Roma ou Pompéia desperta sentimentos, reafirma valores, desencadeia reminiscências, no sentido platônico, tornando redivivos conhecimentos anteriores, latentes, como se constata no poema “Via Appia”, inspirado na contemplação da antiga estrada romana:

*Pedras não piso, apenas;
– mas as próprias mãos que aqui as colocaram,
o suor das frentes e as palavras antigas.*

*Ruínas não vejo, apenas:
– mas os mortos que aqui foram guardados,
com suas coragens e seus medos da vida e da morte.*

*Viver não vivo, apenas;
– mas de amor envolvo esta brisa e esta poeira,
– eu também futura poeira noutra brisa.*

*Pois não sou esta, apenas:
– mas a de cada instante humano,
em todos os tempos que passaram. E até quando?*
(p. 1367)

Educada por avó de origem insular, da ilha São Miguel (Açores), a Sra. Jacinta Garcia Benevides, Cecília Meireles, desde cedo, sentiu-se atraída pela história de Portugal e a respectiva cultura, especialmente a açoriana. Foi por essa via que lhe veio o interesse pela Índia e o Oriente como um todo. Como as ilhas de Açores foram ponto de encontro de navios que traziam riqueza “das Índias”, essas viagens integraram-se ao imaginário do povo açoriano, visível no folclore e nas expressões linguísticas. A respeito dessas influências, eis o que declara a Autora em entrevista a Pedro Bloch:

Quanto a Portugal, basta dizer que a minha avó falava como Camões. Foi ela quem me chamou a atenção para a Índia, o Ori-

ente: 'Cata, cata que é viagem da Índia', dizia ela, em linguagem náutica, creio, quando tinha pressa de algo. Chá-da-Índia, narrativas, passado, tudo me levava, ao mesmo tempo, à Índia e a Portugal. (1964)

Tanto na dimensão geográfica, quanto na simbólica, a imagem marítima desdobra-se nos poemas cecilianos, formando campos semânticos compostos por palavras relacionadas a embarcações e viagem. Essa presença do mar na poesia de Cecília Meireles advém não só da sua origem açoriana, mas também da proximidade do mar na cidade natal, Rio de Janeiro. Para os que vivem em ilhas ou próximo à costa, o mar pode moldar a sensibilidade e a feição de ver a vida. Dos búzios, ecoam sons do mar, tornando-o símbolo da vida em seu incessante movimento, tal como é definido no poema "Mar Absoluto" do livro de mesmo título (1945): "O mar é só o mar, desprovido de apegos,/ matando-se e recuperando-se.../ É o seu grande exercício" (p. 266).

No livro *Poemas III* (1960-1964), publicado após a morte da escritora, o tema da viagem evidencia a mencionada influência açoriana na formação de Cecília Meireles, bem como a sua afinidade com o "classicismo" português, referida no depoimento supracitado. Alguns poemas aludem a "menestréis", "castelos", "donzelas", "bisavô contando libras", "harpas e cravos" e "montanhas com oliveiras", que remetem à paisagem européia, *locus* dos antepassados. O vocabulário náutico especifica-se em referência a viagens distantes e cheias de perigos, empreendidas pelos portugueses.

No poema a seguir – "Cata, cata, que é viagem da Índia..." – o título é uma expressão lingüística açoriana, cujo sentido é a necessidade de agir às pressas; esse dito se repete ao longo do poema, na forma de um ritornelo. Os demais versos, em contraste com a sugestão de ligeireza, revelam as reflexões do sujeito lírico sobre o sentido das viagens marítimas ao Oriente, dirigidas a um destinatário intratextual, invocado através da expressão "minha filha":

"Cata, cata, que é viagem da Índia..."

*As horas da navegação, minha filha,
os adeuses dos lenços,*

*e a morte nos barcos.
Rezemos pelos náufragos.
A ordem do rei,
o rei que Deus tenha na sua glória
mas por que os reis querem ser donos do mundo?*
(p. 1185-1187)

Na seqüência do poema, o Eu-lírico questiona a ambição do homem, que, comumente insatisfeito com suas condições de vida, projeta a sua felicidade em terras distantes, motivo por que os marinheiros saem em busca de especiarias, sedas e ouro, em viagens que implicam o sacrifício de muitos para o privilégio de poucos:

*Por que o rei queria o marfim e o ouro
e a seda e a prata,
e mandava seus galeões para tão longe,
ao lugar onde o sol nasce
e os ares são de jasmim?*

*Não se poderia viver sem cravo e cinamomo,
sem erva-doce e açafraão
e aquela curva pimenta coral?*

O Eu poético recorda, ainda, a história dos náufragos que ficaram perdidos no mar, “entre cordame e alcatrão”, dos que chamaram em vão pelos nomes das pessoas amadas, deitaram súplicas nos ouvidos surdos do vento e derramaram lágrimas face à impiedade do mar. Finalmente, faz uma recomendação ao destinatário intratextual – a menina que se deleita com as mercadorias da Índia:

*Toma a agulha, menina, e vai contemplar
pássaros e flores das colchas e dos xales.
Não esqueçamos o preço da viagem:
tantos ossos misturados ao coral e às estrelas do mar.*

“Cata, cata, que é viagem da Índia...”

*Cata: o mar não se compadece do pranto dos tristes;
o vento não responde ao suspiro do ausente;
o céu não diz o que viu, o que sabe, o que acontecerá.*

A Autora reitera, no poema, a tendência a recuperar a história dos homens, a revisitar o passado, a imaginar os itinerários sugeridos pelos “mapas e portulanos” de navegação, impregnando o presente de melancolia. A história dos antepassados em busca das especiarias, das sedas, dos xales indianos, dos pentes de marfim, dos rubis e safiras, que resultaram em tantas mortes, reaviva-se na memória:

“Cata, cata, que é viagem da Índia...”

*Vamos atrás dos antepassados,
cantando-lhes nossa estranha sorte,
divididos entre a manhã e a noite,
sonhando horizontes,
cercado de ausências,
entre mapas e portulanos, e aromas e vozes náuticas.*

“Cata, cata, que é viagem da Índia...”

*E são milhares de olhos humildes, pelas espumas,
a chorar, a chamar, a chorar.*

O imaginário ceciliano revela a herança atávica, assinalada pelo culto da saudade, nostalgia do paraíso perdido (as Ilhas Bem-Aventuradas?) e apego às tradições religiosas, tão fortes no folclore açoriano. Um forte sentimento de insularidade impõe à introspecção e, ao mesmo tempo, convida à travessia, à viagem. Como justificar a assídua presença da figura do pescador na obra poética de Cecília Meireles senão pelas recordações de sua ascendência insular? É no mar que dormem os pescadores “de muitos séculos”, e o Eu poético quer se tornar um “pescador”, já que a linguagem marítima fala aos seus sentidos, decifra seus enigmas ou consegue expressá-los, como no poema “Do mar onde as colunas rolam”:

....

*Longe em seus braços estão os pescadores dormindo.
Barcos redondos e coloridos.
Nem berços nem sepulcros; apenas barcos de pesca,
e as redes, lençóis de vento,
e os pescadores têm muitos séculos,
são de muitos séculos seus rostos morenos,
de barba cerrada, seus olhos fechados,*

*conchas morenas de bordas franjadas,
conchas de sono, arqueológicos sonhos,
suseranos, lanças, cavalos caídos,
e um mar de baleias negras e grandes como a noite,
barcos submersos, em viagem de sombra.
Pescador torno-me.*

....

(p. 1194)

No poema “Habitamos este arquipélago”, do mesmo livro, os elementos marítimos e náuticos carregam-se, mais claramente, de uma força simbólica, em que os simbolizantes¹ “arquipélago”, “ilhas”, “sereias antigas”, entre outros, exprimem a solitária espera de algum eco, que traga, quem sabe, “mensagens” celestes ou de acolhedoras “barcas depois dos oceanos de lágrimas”.

*Habitamos este arquipélago
onde jamais se encontrou eco.*

.....

*Que Anjo virá, certo e nítido,
explicar este labirinto?*

*E ao melancólico arquipélago
devolver as mensagens do eco?*

*Quando aparecerão as barcas
depois de oceanos de lágrimas?*

*Gravo nas pedras as perguntas:
ilhas, céu, mar, solidões múltiplas!*
(p. 1172-1173)

Essa consciência da potência simbólica dos elementos marítimos já ficara consignada no poema “Périplo”, de *Mar Absoluto e outros poemas* (1945), em que a Escritora, através de um procedimento metalingüístico, afirma a “tácita” expressividade desses símbolos:

....

*Deus – mar, tranqüilo, e inquieto, e preso e livre, antigo
e sempre novo – indiferente e suscetível!*

*Em cada praia deste mundo te celebram
os que te amaram por naufrágios e vitórias,*

*e religiosos se renderam, convencidos,
à lição tácita dos símbolos marítimos. (p. 347)*

Assim, “mapas e portulanos”, “barcos”, “galeões”, “redes”, “pescadores”, “ilhas”, “estrela do mar”, “conchas”, entre outros, são os vocábulos que comparecem em *Poemas III* para compor o campo semântico da linguagem náutica que melhor traduz a cosmovisão da escritora Cecília Meireles. Por intermédio desse recurso, a “viajante solitária”² deixa entrever, entre as brumas marítimas, tão naturais no cenário das ilhas de Açores, a sua pertinaz indagação sobre o sentido da vida.

Desde o livro *Viagem*, a presença do mar e das águas já delineia itinerários do viajante e adquire o estatuto que garantirá sua permanência nas obras posteriores. O poema “Noções”, por exemplo, revela a força da imagem marítima enquanto mediadora da revelação das inquietudes do Eu, frente a dualismos como eterno/ efêmero, corpo/ alma, uno/ múltiplo, e da reflexão sobre a “viagem” existencial. Ao transitar para o sentido figurado, a viagem torna-se símbolo da trajetória da vida, desdobrando-se em movimentos de introspecção e de percurso a paisagens internas, a partir dos quais o Eu-lírico levanta e intui respostas sobre o sentido de seu estar no mundo:

*Entre mim e mim, há vastidões bastantes
Para a navegação dos meus desejos afligidos.*

*Descem pela água minhas naves revestidas de espelhos.
Cada lâmina arrisca um olhar, e investiga o elemento que a atinge.*

*Mas, nesta aventura do sonho exposto à correnteza,
Só recolho o gosto infinito das respostas que não se encontram.*

*Virei-me sobre a minha própria existência, e contemplei-a
Minha virtude era esta errância por mares contraditórios,
E este abandono para além da felicidade e da beleza.*

*Ó meu Deus, isto é a minha alma:
Qualquer coisa que flutua sobre este corpo efêmero e precário,
Como o vento largo do oceano sobre a areia passiva e inúmera...*
(p. 140)

Nesse poema, a imensidão do mar sublinha a pequenez, os limites do ser humano e, ao mesmo tempo, sugere mistério, idéias de infinito e de necessidade de abandono a uma lei maior que preside a vida. As águas e seus atributos tornam-se recursos imagéticos por meio dos quais o sujeito lírico expõe sua condição de errante, “por mares contraditórios”, e a sensação de que, a exemplo das embarcações, sua alma flutua sobre o “corpo efêmero e precário”.

Frente à misteriosa e incognoscível lei que preside a vida, resta entregar-se aos seus desígnios, tal como sugerem os versos do poema “Êxtase”:

*Deixa-te estar embalando no mar noturno
Onde se apaga e acende a salvação*

*Deixa-te balançar entre a vida e a morte, sem nenhuma saudade.
Deslizam os planetas, na abundância do tempo que cai.
Nós somos um tênue pólen dos mundos...*

Deixa-te estar neste embalo de água gerando círculos.
(p. 129)

Verifica-se, assim, que os vocábulos náuticos compõem, na poesia ceciliana, o cenário das viagens, os dramas decorrentes, assim como são veículos para explicitar indagações existenciais. A constante recorrência aos elementos marítimos, que constituem um dos campos imagéticos do tema da viagem, permite afirmar que, como nenhum outro poeta brasileiro, a Autora traz dentro de si a voz do mar, mediadora dos questionamentos sobre o “mundo” e o “transmundo”, expressões empregadas pela escritora, em entrevista a Pedro Bloch, para caracterizar a sua construção poética como resultado de um diálogo permanente com uma dimensão metafísica (1964).

A noite é outro símbolo recorrente na poesia de Cecília Meireles, afeito a aludir às instâncias da obscuridade plena de mistérios, a viagens na direção de dimensões metafísicas, intuídas por um Eu que quer encontrar nessas paragens um significado para a existência. Quando o tema de viagem ganha uma dimensão metafórica, tanto a imagem marítima quanto a noturna desenham uma atitude imaginativa que consiste em

"captar as forças do devir",³ conforme observa Durand a propósito do regime noturno da imaginação. Essa atitude exorciza o conteúdo negativo da passagem temporal e da morte, para transformá-las em conteúdo benéfico, já que visto sob a ótica do eterno retorno de tudo ou da possibilidade de ser de outro modo e em outra instância. Daí a recomendação dos versos de *Mar Absoluto*: "Não aflijas com a pétala que voa,/ Também é ser deixar de ser assim...". (p. 319)

Nos mitos de criação, noite e águas estão seguidamente associadas para descrever um estado imediatamente anterior ao surgimento no plano cósmico. Tal como nos mitos cosmogônicos, a noite, em alguns poemas, vem associada ao mar, para simbolicamente idealizar o *locus* da origem da vida, o qual tem as qualidades marítimas – "reino de metamorfose" – e as noturnas, reino de silêncio, solidão e mistério. Paradoxalmente, a noite dos lugares transcendentais tem suas claridades, por isso é uma luz que guia. Assim, imagens marítimas e noturnas balizam a viagem a dimensões transcendentais, revelando a familiaridade da linguagem poética com a mítica.

Na poesia ceciliana, a noite é a imagem que traduz e pontua a viagem a um plano metafísico em *Doze noturnos de Holanda* (1952) e *Solombra* (1963). Nesses dois livros, os poemas têm entre si um fio narrativo que os interliga e assinala o progressivo alcance da dimensão espiritual pelo sujeito lírico, que vai desvelando seus assombros, suas dúvidas, suas perplexidades.

Doze noturnos de Holanda, que já traz no título a referência à noite, "à alta, à vasta noite estrangeira" – conforme verso do poema "Dois" –, compõe-se de poemas que vão anunciando o paulatino adentramento do Eu-lírico na esfera noturna. A noite vai sendo caracterizada de poema a poema, de forma cumulativa, delineando aos poucos o teor metafísico do plano percorrido pelo Eu poético que, lentamente, vai-se desligando da condição diurna. No Poema Um, a noite é descrita como "sem elos... Inocência eterna,/ isenta de mortes e natividades,/ pura e solitária, deslemburada, alheia,/ mudamente aberta para extremas viagens" (p. 447). Na noite, o sujeito lírico vai-se transfigurando, tornando-se outro, assumindo a sua alteridade, conforme nos revela a quinta estrofe:

*Eu mesma não vejo quem sou, na alta noite,
Nem creio que SEJA (sic): perduro em memória,
À mercê dos ventos, das brumas nascidas
Nos dormentes lagos que ao luar se evaporam.*
(p. 447)

A imagem noturna une-se à marítima na primeira estrofe do Poema Três para nomear e decifrar o incognoscível, revelando a noite como o lugar de construção da vida, a origem de tudo e o receptáculo das formas de vida, onde as coisas “regressam à sua infância”, “devolvidas a uma pureza total, a uma excelsa clarividência” – eis o porquê da sua paradoxal claridade:

*A noite não é simplesmente um negrume sem margens nem direções.
Ela tem sua claridade, seus caminhos, suas escadas, seus andaimes.
A grande construção da noite sobe das submarinas planícies
Aos longos céus estrelados
Em trapézios, pontes, vertiginosos parapeitos
Para obscuras contemplações e expectativas.*
(p. 447)

Em um diálogo com a noite, o sujeito lírico de *Doze noturnos de Holanda*, no Poema Três, entrega-se ao mistério, deixa-se conduzir às paragens noturnas, lê o que até então nunca havia lido e murmura:

*Não quero mais dormir, nunca mais, quero sempre
Mais tempo para os meus olhos, – vida, areia, amor profundo... –
Conchas de pensamento sonhando-se desertamente.*
(p. 448)

E o discurso lírico desdobra-se em duas vozes: a do sujeito poético que utiliza o discurso indireto para “narrar” a sua introdução na esfera noturna e a da noite que, em estilo direto, vai estimulando a viagem – uma fala lida ou intuída pelo eu poético, à medida que se familiariza com a linguagem noturna:

*E a noite dizia-me: “Vem comigo, pois ao vento das dunas,
Vem ver que lembranças esvoaçam na frente quieta do sono,
E as pálpebras lisas, e a pálida face, e o lábio parado
E as mãos livres dos vagos corpos adormecidos.*
....

*Vem ver o silêncio que tece e destece ordens sobre-humanas,
E os nomes efêmeros de tudo que desce à franja do horizonte!*

*E a linguagem da noite era velhíssima e exata.
E eu ia com ela pelas dunas, pelos horizontes,
Entre moinhos e barcos, entre mil infinitos noturnos leitos.
Meus olhos andavam mais longe do que nunca*

....

e liam, liam, liam o que jamais esteve escrito.

(p. 448)

Na viagem às instâncias noturnas, através da qual o sujeito lírico vai-se afastando da "realidade" diurna e absorvendo uma nova linguagem, ocorre uma inversão ou relativização dos antigos valores, como se, revelado o reverso da vida, tudo ganhasse um novo sentido, uma plenitude inaudita, uma palpitação diferente:

*A noite eleva-me em si como água dócil de imenso moinho.
E comigo rodava por seu mundo silencioso e liberto.
Não havia mais nada: somente seu poder, sua grandeza, sua solidão
Era deserta, ausente, e, ao mesmo tempo, repleta e palpitante.
Alastrava e secava miragens, e não ficavam mais vestígios.
E era uma estranha surdez, penetrante,
Sorvendo todas as falas e músicas.*

(Poema Quatro, p. 450)

As idéias, que no dia tomam relevo, "desmancham-se" na esfera noturna, devolvidas à sua "pureza", "silêncio" e "equivalência". Tudo aquilo que era múltiplo, diverso, nítido à luz do dia, torna-se difuso e uno na dimensão noturna:

*E as idéias desmanchavam-se em galerias obscuras,
Porque a noite passava cada vez mais longe,
E tudo quanto ao sol toma relevo
Na noite é mundo submerso, nevoento e generalizado.*

(Poemas Seis, p. 452)

Através da imersão na noite, o entendimento da vida vai-se aprofundando, de tal forma que o sujeito lírico, no Poema Sete, enuncia a concepção do Um ou da sobre-humana essência, que acolhe tudo e já dispensa a mediação das imagens, uma vez inserido naquela "grandeza":

*Tudo jaz diluído e cintilante, numa profunda névoa.
Nada, porém, se perde ou esquece, embora tão finamente
Disperso nessa grandeza.
Gastam-se as imagens e os símbolos; mas a essência resiste.*

...

*Tudo se encontra nesta bruma:
O burburinho histórico, a vítima e o carrasco;
A melodia da sereia nórdica, à proa do barco da conquista;*

...

Praga e suspiro, acontecimento e remorso...

*Tudo paira na estrutura da noite
Em seus arquivos superpostos...*
(p. 453)

As indagações sobre o sentido e valor das pequenas coisas do cotidiano humano – tais como “Que vale o pensamento humano/ esforçado e vencido/ na turbulência das horas?” – transformam-se, no Poema Dez, em perquirições mais amplas, quando o Eu poético se pergunta para quem “trabalha” a vida no universo:

...

*Para quem trabalha o flamejante universo?
Para quem se afadiga amanhã o corpo do homem transitório?
Para quem estamos pensando, na sobre-humana noite,
Numa cidade tão longe, numa hora sem ninguém?
Para quem esperamos a repetição do dia,
E para quem se realizam estas metamorfoses,
Todas as metamorfoses,
No fundo do mar e na rosa-dos-ventos,
Numa vigília humana e na outra vigília,
que é sempre a mesma, sem dia, sem noite,
incógnita e evidente?*
(p. 456)

No último poema de *Doze noturnos de Holanda*, o sujeito lírico novamente faz uso da imagem da água para falar da morte como afogamento e da imersão no Um, através dos “líquidos caminhos”, feitos de silêncio, sem “palavras”, nem “ais”:

...

*Sem podridão nenhuma,
Jazará um afogado nos canais de Amsterdão.
E eu sei quando ele caiu nessas águas dolentes.
Eu vi quando ele começou a boiar por esses líquidos caminhos.
Eu me debrucei para ele, da borda da noite,
E falei-lhe sem palavras nem ais,
E ele me respondia tão docemente,
Que era felicidade esse profundo afogamento,
E tudo ficou para sempre numa divina aquiescência
Entre a noite, a minha alma e as águas.*

*Sem podridão nenhuma, jazará um afogado
Nos canais de Amsterdão.*

*Não há nada que se possa cantar em sua memória:
Qualquer suspiro seria uma nuvem, sobre essa nitidez.*
(Poema Doze, p. 459)

O símbolo noturno rege o livro *Solombra*, palavra que Cecília Meireles recuperou do português antigo, vocábulo que evoluiu para a forma “sombra”. Esse nome, que já traz em si a idéia de noite, de mistério, constitui-se o símbolo diretor do livro, cujos vinte e oito poemas têm entre si um elo de continuidade que “narra”, como em *Doze noturnos de Holanda*, a progressiva imersão do Eu-lírico na noite. Trata-se de um exercício místico de aceitação da morte – vista como inserção na dimensão noturna e compreendida como transformação em outro modo de ser, motivo por que o sujeito poético a ela se entrega, acolhendo a lição do vento que lhe recorda um saber anterior:

*Eu sou essa pessoa a quem o vento chama,
a que não se recusa a esse final convite,
em máquinas de adeuses, sem tentação de volta.*

...

Eu sou essa pessoa a quem o vento ensina:

“Agora és livre, se ainda recordas”.
(p. 794)

Assim, nas viagens a instâncias metafísicas, o “mar” e a “noite” são, na lírica cecilianiana, os símbolos eleitos para figuração do incognoscível, da sobre-humana vida que o sujeito lírico intui,

eufemizando o absurdo da morte e concebendo esse destino inevitável como uma transmutação em outra forma de ser, própria da condição supra-sensorial. Conforme observa Durand, diante da impossibilidade de o signo exprimir as perplexidades do ser humano “face à inelutável instância da temporalidade e da morte” (p. 270), o símbolo cumpre a função de mediador do significado, sugerindo os contornos das dimensões transcendentais idealizadas, mas preservando o seu teor de mistério.

Na trajetória literária de Cecília Meireles, desde a publicação do livro que a consagrou em 1938, e que a coloca entre os maiores poetas de língua portuguesa, o tema da viagem através das águas, simbolizando o inconsciente (“Procurei-me nesta água da minha memória”...⁴) ou a origem da vida, homologável à noite cósmica (“Deixa-te estar embalando no mar noturno”...⁵), acusa a sua presença, antecipando um motivo que se vai mostrar recorrente nas obras seguintes. A viagem assume, nas publicações posteriores, a gradativa tendência a representar um caminho na direção de um plano metafísico até alcançar, em *Solombra*, o ápice de uma trajetória de ascensão espiritual, representada pelo ingresso pleno na noite – “jardim de puro tempo/ com ramos de silêncio unindo os mundos” (p. 797).

NOTAS

¹ O termo simbolizante é utilizado por Jean Burgos por analogia a significante. In: BURGOS, 1982.

² Expressão de verso do poema “Família” In: MEIRELES, p. 1169.

³ DURAND, 1989, p. 135.

⁴ “Medidas da significação” In: MEIRELES, p. 149.

⁵ In: MEIRELES, *Viagem*, p. 129.

TRABALHOS CITADOS

BLOCH, Pedro. Pedro Bloch entrevista Cecília Meireles. *Revista Manchete*, Rio de Janeiro, n. 630, p. 34-7, maio 1964.

BURGOS, Jean. *Pour une poétique de l'imaginaire*. Paris: Seuil, 1982.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Presença, 1989.

MEIRELES, Cecília. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

_____. Roma, turistas e viajantes. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 17 ago. 1958.